

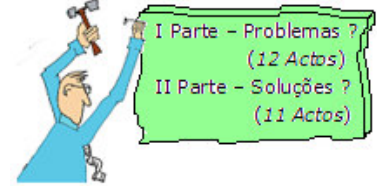


**Nelson Trindade**

Edição SocioSistemas  
[www.sociosistemas.com](http://www.sociosistemas.com)



## ***Lupa sobre a democracia \_ Acto 4 ...e a sociedade?***



***Colhe-se o que se semeou ...***

***Muito espantado, o ancião dizia:***

***– Sempre semeiei feijão e nunca colhi trigo, e só agora percebo porquê !***

***Memórias de uma Utopia***

Naquela família sempre se educou os filhos exigindo que resolvessem os problemas através de diálogo franco e aberto, ouvindo-se uns aos outros e trocando ideias. Consideravam que o modelo democrático era o futuro para a construção de uma sociedade diferente, mais amigável e sem violência.

Não foi um processo fácil pois, em crianças, as lutas e as agressões eram o método normal para resolverem as suas disputas.

Todavia, após conversas e explicações que não resultaram, com o reforço de castigos, repreensões, gritos e "bofetaditas" conseguiram que eles aprendessem. Em breve todas as disputas eram resolvidas por diálogo. Sentiram-se felizes. O método tinha funcionado.

Contudo, o problema é que o método tinha realmente funcionado, ou seja, **com agressões conseguiram que as agressões acabassem.**

Assim, na prática, o que as crianças aprenderam "pela pele" foi que:

- quando não é importante... resolve-se por diálogo;
- quando é importante... a solução são agressões, pois foi agredindo que os pais resolveram o problema.

Na culturização (educação) a forma (o veículo) domina sempre o conteúdo (o veiculado).

***Muito espantados, os pais diziam:***

***– Sempre lhes ensinei o diálogo e, agora, em adultos são tão agressivos !***

***Memórias de uma família***

***... a questão não é só O QUE se ensinou, mas também O COMO se ensinou...***

Uma sociedade é um conjunto integrado de **comunidade** e **organização**.

Quando praticamente só existe comunidade sem organização, encontramos um modelo de sociedade tipo "horda". Como exemplo, uma multidão em fuga.

Quando temos uma organização sem comunidade, a sociedade transforma-se numa espécie de "teatro de marionetes". Como exemplo, uma parada militar, onde os seus membros não

precisam de se conhecer uns aos outros ou terem sequer a mesma base cultural, só precisam de cumprir os padrões de comportamento exigidos (este modelo é o “sonho” de qualquer “ditador”).

Em ambos os casos, pode existir acção individual intensa (às vezes até simultânea e comum a várias pessoas), mas não existe de certeza participação grupal.

Entre estes dois extremos, podemos ter vários equilíbrios de comunidade e organização, cujas diferentes intensidades relativas proporcionam níveis diferentes de participação. O desejável é ter uma “[organização mínima para obter a máxima participação](#)”. Porém, mesmo neste caso, o tipo de organização escolhido não é inócuo em relação ao tipo de comunidade resultante.

Um exemplo.

Vamos imaginar que os romanos colonizavam uma comunidade viking e lhe impunha a sua organização técnica de construção naval e de luta no mar.

Os barcos romanos, as trirremes, eram barcos pesados, fortes, com 3 fiadas de remos manipulados por escravos, e a sua luta era por abalroamento dos outros navios. Como eram uma espécie de “tanques” marítimos, o seu choque bastava para afundar os inimigos, continuando eles impunes.

Pelo contrário, os vikings usavam barcos leves, com grande vela e uma fiada de remos manipulados pelos próprios guerreiros em caso de necessidade. A sua luta naval era por abordagem, ou seja, aproximavam-se com cautela, invadiam o barco e lutavam lá dentro. Se abalroassem corriam o risco de serem eles a afundar-se.

Assim, ao trocar a sua organização naval (barcos leves sem escravos, por barcos pesados com escravos) o que aconteceria à sua comunidade ?

Ter-se-ia que se transformar, pois para sustentar a nova organização teriam que ter um grande fornecimento de escravos e a sua gestão. Assim, gradualmente a escravatura invadiria todo o seu viver quotidiano económico-político-social e, tal como um vírus, contaminaria todo o modo de estar do corpo social.

Nunca é inócuo para uma comunidade a adopção de um determinado modelo de organização... e vice versa. Como exemplo deste último caso, temos os modelos empresariais oriundos da cultura USA/Europa aplicados em países de cultura diferente. Só com o apoio dos “mestiços culturais” é que obtêm algum rendimento.

[Como resumo do Acto 3](#), pode-se definir a actual organização político-social da democracia como uma sociedade fraccionada em partidos, ou seja, uma sociedade atravessada por fronteiras internas mais ou menos profundas entre os diversos grupos de *iguais* (e, portanto, *diferentes* dos outros), oriundos dos **pedaços** em que essa sociedade foi **quebrada** (partida), com base nos diferentes valores que esses grupos perfilham.

Usando a analogia do vikings-romanos, poder-se-á perguntar o que acontecerá a uma comunidade estruturada neste tipo de organização de “quebrada em pedaços”?

Um primeiro aspecto é que o problema não está na existência dessas diferenças em que a sociedade foi partida, mas sim *naquilo que se faz delas e com elas*. Por outras palavras, as diferenças sócio-culturais podem ser potenciadas positiva ou negativamente. Como já foi salientado anteriormente como exemplo, o nascimento de crianças só é possível pela potenciação positiva das diferenças “homem-mulher”.

No caso deste modelo democrático, cada grupo procura valorizar como positiva a sua diferença dos outros, espécie de leit motiv da sua sub-comunidade particular, esforçando-se por a potenciar como um recurso precioso desse grupo e que os distingue como valor referencial.

Ao mesmo tempo, e em sentido contrário, procura destruir tudo aquilo em que a outra sub-

comunidade difere de si, apresentando essa diferença como um mal contra o qual é preciso lutar. Ataca com incriminações, manifesta *horror* contra a sua aceitação e procura isolá-la o mais longe possível, como uma *doença* a evitar. É feito um grande esforço para culturizar os *neutros* nesses dois sentidos, numa doutrinação constante óbvia e/ou subtil.

Estão assim criadas as bases culturais do racismo, racismo esse que, mais tarde ou mais cedo, irá surgir sob diversas formas (*intenso ou velado, focalizado ou diluído*), centrado em alvos variados (*raça/cor, origem, idade, doença, sexo, etc*) e com objectivos de várias intensidades (*destruição, afastamento, expulsão, recusa, etc*), consoante as linhas de força que atravessam a sociedade.

Como consequência, podem surgir formas de **racismo velado**: *Norte-Sul, cidade-campo, capital-periferia, saudáveis-doentes, novos-velhos, políticos-sociedade civil, função pública-empresas, etc.* ou até formas de **racismo expresso**: *lutas de rua, manifestações e contra-manifestações, etc.*

Na prática todos eles são usadas como **bandeira** para mobilizar recusas em relação a uns e adesões em relação a outros, e, deste modo, reforçar o poder de coesão interna e engrossar as fileiras de aderentes.

Este esgrimir de diferenças desvalorizantes, *inocentemente* utilizado como estratégia de luta política eleitoral, acaba por culturizar a sociedade nesse sentido, criando bases para que a mesma forma de estar se instale e aplique no quotidiano social, em áreas diversas. A comunidade é culturizada pela organização (vide síndrome "vikings-romanos").

Quando esta culturização acontece, acções racistas (veladas ou expressas) não podem ser vistas isoladas, mas sim integradas na base cultural comum (política) que as fomenta, sustenta, alimenta, reforça e dinamiza.

Por outras palavras, apenas **...se colhe o que se semeou.**

Algumas características desta cultura de segregação são:

- exagero de diferenças culturais e recusa de sentimentos positivos;
- sentimentos negativos cultivados e difundidos (incriminações);
- uso das diferenças como forma de detonar posicionamentos emocionais;
- empolamento das diferenças (intensificação de fronteiras) em detrimento das semelhanças;
- valorização do grupo próprio e desvalorização dos grupos exteriores;
- reforço da auto-estima e da identidade social por pertença ao grupo;
- intensificação dos fenómenos de subordinação ao grupo e exclusão dos estranhos;
- reforço da disciplina interna.

Como atrás já foi salientado, estes aspectos são veiculados e dinamizados na luta política, quer na campanha eleitoral, quer fora desse período. Por exemplo, assiste-se nos debates de show político televisivo a autênticos "circos romanos" verbais, onde todos falam ao mesmo tempo, tentando "abafar" a voz do outro, acção essa que, gerações atrás, as mães ensinavam aos filhos ser "má educação".

Por exemplo, após um desses debates, no dia seguinte, um comentador televisivo dizia [...o debate não teve interesse, eles não se atacaram, foi muito cordato...], esquecendo-se(?) de comentar se as ideias trocadas tinham, ou não, tido interesse. O único problema comentado era que o "circo romano" tinha sido fraco.

Como conclusão, a base da estratégia é sempre a mesma: tornar as fronteiras que separam os "partidos" o mais marcadas possível, de modo a facilitar a opção aos indecisos e impedir a existência de neutros pelo reforço do sistema adversário.

A consequência deste processo é que a aprendizagem obtida vai ser aplicada noutros campos, pelo que o mesmo fenómeno de "tomar partido"<sup>1</sup> vai surgir noutras ocasiões, com

---

<sup>1</sup> - No senso comum, "tomar partido" por alguém é estar na luta do seu lado. É menos estar ao seu lado (colaboração) e mais estar contra outros (adversário). Quando não há "luta para lutar", normalmente, não se usa esta expressão. No senso comum, Partido arrasta consigo o conceito Adversário.

formas cada vez mais turbulentas e violentas. O seu início é normalmente nas “franjas” da sociedade, por exemplo, nos divertimentos nocturnos, em grupos sociais mais problemáticos, etc. e/ou nos “núcleos duros”, por exemplo, empresas burocratizadas, onde a luta pelo poder vai também utilizar estas fracturas.

Na verdade, este método educa os grupos sociais, cria hábitos culturais de isolamento entre os *iguais* e de repulsa pelos *diferentes*. Numa palavra: aprendem a viver com os outros, no modelo ***nós versus eles***.

A comunidade começa a morrer, pois adoece ao surgirem fracturas na *comum*(nidade), que se apresenta agora quebrada em **partidos**, deixando de ser **comum** a todos.

Uma questão crucial é saber como é que os **grupos “nós”** (os partidos) conseguem sobreviver como um conjunto de iguais quando lá *dentro* cada um em particular é sempre *diferente* de todos os outros.

Como fazer? Como homogeneizar essas diferenças ? É fácil, a regra é ...

**...“se pensas, logo não existes!”**

***Dizia o democrata:***

***– Fui democraticamente eleito, por isso, têm que me obedecer sem discutir. Se agora não concordam, então, nas próximas eleições não me elejam.***

***Memórias de não-Utopias***

Uma sociedade, sendo um grupo alargado atravessado por múltiplas sensibilidades, ao separar a sua população em grupos de valores políticos homogéneos (Partidos), reduzindo assim a heterogeneidade, está, por outro lado, a criar condições para agudizar conflitos, pois os diversos blocos, jogadores do sistema adversário, vão lutar pelas suas posições, com tanto mais poder e eficácia quanto mais aglomerados e homogéneos estiverem.

A coesão interna é a estratégia procurada.

Por outra palavras. não pode haver “*diferentes*” internos, todos têm que dizer/fazer o mesmo.

*(Sobre este tema, vide as técnicas de “massificação interna” tão teorizadas e praticadas em algumas correntes políticas).*

Todavia, neste processo de homogeneização há também um pequeno “Bug”.

O aumento da diferenciação partidária, ou seja, a quantidade de partidos existentes, vai aumentar a variedade dos pontos de vista sobre a situação.

E segundo o modelo teórico “governo-oposição”, este aumento de diversificação permitirá enriquecer a análise e o debate democrático, pois aumenta o número das perspectivas e alternativas em jogo. Porém esta vantagem tem a desvantagem de tornar a decisão mais difícil, causando também mais problemas para a governação.

A solução evidente é só existir um partido (a História mostra vários casos destes) ou se isto for considerado não democrático, pode ser só permitida a existência de dois partidos.

Também como alternativa, poderão existir vários partidos pequenos e um partido grande com o slogan “um partido, um governo”. Neste caso, quando este partido grande obtiver o poder pode democraticamente criar uma organização (legislação) constitucional onde seja difícil aos pequenos tornarem-se grandes. O problema fica resolvido... democraticamente.

Em conclusão, no seu limite, o máximo da capacidade governativa da democracia(?) será quando só existir um **grupo de “nós”**: o **partido único**.

Ou seja, **a democracia será mais eficiente quanto menos democracia houver**.

A maneira *elegante* de realizar esta estratégia é obter uma maioria confortável por reduzir a heterogeneidade dentro da sociedade política (e se possível dentro da sociedade civil... todos os ditadores o tentam), anulando ao máximo todas as diferenças.

Numa palavra, **quem pensa não pode existir politicamente...** pois existe o risco de ser um "diferente".

... será utopia ouvir um deputado declarar numa entrevista televisiva [...*eu não concordo, mas obedeco ao partido e voto sim...*] ? Ou o líder partidário declarar com um sorriso [...*a votação é muito importante e todos votam sim, não se brinca com isto...*]?

A situação ideal é todos os poderes pertencerem à mesma maioria, não existindo, assim, o perigo de *guerrilha institucional* a perturbar(?) o suave andamento dos debates na construção do *consensos*.

O paradoxo é, assim, solucionado com esta *ditadura doce* de base democrática, ratificada ciclicamente, também em forma democrática, mesmo que se altere o grupo no poder.

A maneira de reduzir a heterogeneidade de *cada indivíduo poder ser uma voz diferente* (o chamado aspecto negativo da democracia) é construir uma cada vez maior homogeneização (***cada indivíduo não ser uma voz diferente***), reduzindo e apagando as diferenças dentro de maiorias confortáveis.

Luta-se pela maior quantidade possível de adesões com "vozes iguais", pois o poder de governar está no controlo das maiorias.

As diversidades (as minorias) são perigosas, e apenas em doses reduzidas são aceitáveis como um *mal necessário*. Por um lado, considera-se que é o preço a pagar pela democracia, por outro lado, são uma espécie de fermento necessário ao progresso, tipo contestação saudável para possibilitar a evolução da democracia. E uma terceira vantagem é mostrar ao mundo a prova de que internamente a democracia existe e funciona.

Para finalizar, o poder partidário é avaliado pelo volume dos seus *bens políticos* (militantes, relações nacionais/internacionais, e prestígio acumulado).

A diversidade de opinião, se expressa internamente, chama-se *sensibilidade*, mas, se expressa externamente, chama-se *traição* e pode ser penalizada com expulsão.

Neste mundo, ser diferente é perturbar o conjunto: ***prego que sobressai é para levar martelada.***

Mas, se uma eleição (centro motor da democracia) é um permanente apelo a pensar individualmente e a escolher individualmente o candidato, como conciliar esta posição com a necessidade de não sair da homogeneidade (pensar como os outros) ?

... e assim se chega a uma solução que é ...

**... NOS INDECISOS ESTÁ O FUTURO ...**  
**(Lupa sobre a Democracia\_ Acto 5).**